

Economia volta a crescer

● *Indicadores exibem reaquecimento, mas empresários acham otimismo precoce*

SÃO PAULO — Alguns indicadores que funcionam como uma espécie de termômetro da economia — entre eles, nível de emprego e uso da capacidade instalada nas indústrias paulistas — provocaram nas últimas duas semanas um certo entusiasmo nos corredores da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), contagiando seu presidente e porta-voz, o empresário Mário Amato, e muitos de seus colegas. Examinados com cuidado, no entanto, esses mesmos indicadores — crescimento de 0,4% na oferta de trabalho nos cinco primeiros dias úteis de junho, e ampliação da produção da indústria automobilística para 94 mil automóveis este mês, por exemplo — levam à suposição de que a saúde da economia brasileira simplesmente não está tão grave.

“Se não tivermos pacote algum no meio do caminho, voltaremos a crescer”, previu Amato, no início da semana passada. “Se a construção civil e a indústria automobilística forem reativadas, não haverá como segurar a economia.” Capital e trabalho gostariam de apostar todas as fichas nas previsões do presidente da Fiesp. A realidade vivida pelas montadoras, no entanto, mostra que ainda há muito chão pela frente para fazer a produção deste ano, pelo menos, empatar com a de 1990. Os 94 mil veículos que as montadoras prevêem fabricar este mês, representam um crescimento expressivo se comparados à produção de maio (74 mil unidades). Mas o mesmo número ainda está bastante distante do total produzido em agosto do ano passado (105 mil veículos). “Ainda que a produção mensal se mantenha ao redor de 90 mil unidades, ficaremos abaixo do que fizemos em 1990”, afirma Luis Adelar Scheuer, vice-presidente da Anfavea, entidade que representa as montadoras.

Congelamento de preços, greves na própria indústria automobilística e em seus fornecedores, contribuíram para ampliar a demanda reprimida dos consumidores. Se a produção ficar estabilizada nesse nível até o final do ano, é possível, segundo Scheuer, que as montadoras ponham o pé no freio da rotatividade em seu quadro de funcionários e venham até a repor algumas vagas. Mas para alcançar os 142 mil empregos de maio de 1990, elas precisariam contratar mais 20 mil trabalhadores. “O atual otimismo tem por base o péssimo desempenho da indústria nos primeiro cinco meses deste ano”, afirma Scheuer. “Mas o cenário ainda é pessimista, quando tomamos o mesmo período do ano passado como parâmetro. Só em agosto, a indústria de autopeças terá condições de fornecer o suficiente para que as montadoras produzam 90 mil veículos por mês”, diz Pedro Eberhardt, presidente do Sindipeças.

Eletroeletrônica — As previsões são mais otimistas entre os fabricantes de aparelhos elétricos, eletrônicos e similares. Segundo Paulo Vellinho, presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica (Abinee), os resultados do setor empatam com os do ano passado e a ocupação média da indústria de linha branca (geladeiras, fogões e máquina de lavar) é de 85%. No setor de imagem e som, gira ao redor de 70%. Por isso, o setor de aparelhos elétricos e eletrônicos contratou o maior número de trabalhadores nos primeiros cinco dias de junho, respondendo por 5,88% dos 6.940 que tiveram novamente a carteira de trabalho assinada.

Para Jean Bittar, dono de quatro lojas em São Paulo que vendem eletrodomésticos, é fácil entender tais recontrações. “Algumas fábricas reduziram a produção em até 30% e demitiram muitos empregados”, diz. “Houve um pequeno crescimento nas vendas e nos pedidos, acumulados por causa das greves dos metalúrgicos, congelamento de preços e, agora, é preciso colocar os pedidos em ordem, daí as recontrações.” Tanto é assim que as lojas não estão apinhadas de fregueses querendo mercadoria, segundo Bittar. E de cada 10 itens encomendados às fábricas, o varejo tem recebido, em média, seis.

O maior sinal de que o país leva tempo para deixar a recessão para trás está entre os fabricantes de máquinas, para quem, segundo Ivan Pupo Lauandos, diretor da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas (Abimaq), a recuperação ainda é lenta. Entre eles, destacam-se os produtores de máquinas e equipamentos agrícolas. Entre janeiro e abril deste ano, o total da produção apontava um encolhimento de 29,24% sobre o mesmo período do ano passado.

O volume de produção de plástico também cresceu 30% nos últimos 30 dias, segundo Sérgio Haberfeld, presidente da Toga e do Sindicato da Indústria de Artefatos de Papel, Papelão e Cortiça do Estado de São Paulo. Tal expansão, segundo ele, expressa a reposição de estoques. “As empresas tiveram problemas de caixa no início do ano e reduziram seus estoques para evitar os juros financeiros.”

Apesar da torcida, como diz Affonso Celso Pastore, ex-presidente do Banco Central, um mês é período curto demais para avaliar o que, de fato, está acontecendo. “É preciso observar o comportamento desses indicadores por pelo menos três meses para se ter uma visão clara sobre a tendência da economia”, afirma o professor.



Vellinho (E) e Pastore: mais confiança e recomposição de estoques



Nível de emprego

Quem contratou

■ Aparelhos elétricos, eletrônicos e similares	+ 5,88%
■ Calçados de Franca (Interior de SP)	+ 2,02%
■ Refrigeração, aquecimento e tratamento de ar	+ 1,89%
■ Doces e conservas alimentícias	+ 1,11%
■ Papelão	+ 1,07%

Quem demitiu

■ Material plástico	- 1,60%
■ Bebidas em geral	- 1,10%
■ Mármore e granitos	- 1,08%
■ Malharia e meias	- 0,95%
■ Produtos químicos	- 0,93%

Fonte: Fiesp, com base no comportamento do nível de emprego industrial na primeira semana de junho, em comparação com a semana anterior.